

## A Retórica Midiática Presente no Filme *Tropa De Elite 2*<sup>1</sup>

Jorge Lucas Vieira AMÂNCIO<sup>2</sup>  
Taysa Tamara da Silva NUNES<sup>3</sup>  
Ricardo SILVEIRA<sup>4</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### RESUMO:

No filme *Tropa de Elite 2: o Inimigo agora É Outro*, somos apresentados a dois personagens que trabalham na área da comunicação, o apresentador de televisão e a jornalista do impresso, e eles possuem visões diferentes na hora de elaborar uma notícia. Este artigo tem a proposta de analisar como a notícia é apurada e apresentada nos meios de comunicação do filme, que a utiliza para influenciar a opinião pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** mídia; notícia; sociedade.

### 1 INTRODUÇÃO

A continuação do filme *Tropa de Elite* mudou o foco, mas não o assunto central do seu tema. *Tropa de Elite 2: o Inimigo agora É Outro* é direcionado à corrupção, dessa vez tendo como estrutura a evolução das milícias num relacionamento com a polícia e os políticos; num sistema em que o Estado e a grande mídia retroalimentam a desgraça social urbana. “*O sistema é comandado pela política, e a política só respeita a mídia*”. Essa é uma das falas do personagem de Wagner Moura, Tenente-Coronel Nascimento, no instante em que ele nota que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo, email: jorge.amancio@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Estudante do 5º período de Comunicação Social - Jornalismo, email: taysa\_rock@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Decom – UERN, email: j\_silveira@yahoo.com.

a violência não é só um problema da polícia, mas também da política. O personagem percebe a influência que a mídia exerce diariamente sobre os políticos.

O filme é conduzido como uma ficção, mas, para quem assistiu, sabe que é mais verdadeiro do que gostaríamos que fosse – tão real que podemos comparar o apresentador de televisão dramático, “*amigo do povo*” e hipócrita a alguns da nossa realidade. Muitos usam esse viés para conquistar um cargo político e acabam usando a mídia como instrumento de seus interesses.

O acesso à informação deveria ser uma arma contra a corrupção, mas o filme relata como ela pode ser usada de forma distorcida para favorecer a ilegalidade e influenciar pessoas. O programa de TV mostrado na trama expõe a manipulação da opinião pública. Segundo Walter Lippmann (1997), em 1920, disse que nós agimos tendo em vista não a realidade que nos cerca, mas “as imagens em nossas cabeças”. A mídia é uma das essenciais fontes para a produção dessas imagens e um programa espetaculoso (como o que é apresentado no filme e alguns que podem ser vistos em canais abertos no Brasil), não deveriam ter a veiculação permitida para não influenciar a decisão das pessoas de forma negativa, de acordo com os padrões julgados corretos pela sociedade.

O presente artigo vem com a proposta de analisar o comportamento desses dois profissionais, e fazer uma comparação de suas atitudes e decisões tomadas quando estão diante de uma pauta jornalística.

## **2 O ENREDO DE *TROPA DE ELITE 2: O INIMIGO AGORA É OUTRO***

Lançado em 2010, o filme “*Tropa de Elite 2: o Inimigo agora É Outro*”, do gênero drama policial, traz José Padilha como diretor e roteirista, tendo a colaboração de Bráulio Mantovani. Wagner Moura e Irandhir Santos reprisam os papéis de aqui-inimigos do primeiro filme, respectivamente como Tenente-coronel Nascimento e Diogo Fraga, agora deputado estadual.

Quatro anos antes, Nascimento comanda uma operação do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), juntamente com o Capitão Mathias, para o controle de uma rebelião no presídio Bangu I. Fraga também é chamado para negociar a rendição dos detentos, entretanto, Mathias mata o líder da rebelião, o que acaba gerando uma onda de indignação pelas ONGs dedicadas à defesa dos direitos humanos. O governador do estado do Rio de

Janeiro exonera Mathias de seu cargo, enquanto nomeia Nascimento para o cargo de Subsecretário de Inteligência da Secretaria Estadual de Segurança Pública do RJ.

No novo cargo como Subsecretário de Inteligência, Nascimento fica responsável por todos os grampos da cidade do Rio de Janeiro e descobre um novo esquema de corrupção, que envolve políticos e policiais. Nisso surgiu a organização criminosa chamada de milícias, composta por policiais corruptos que atuam diretamente nas comunidades, traficando armas e entorpecentes.

Nesse cenário, nota-se o papel dos meios de comunicação em massa na hora de repercutir a descoberta desse esquema. Duas personagens importantes se destacam por possuírem visões divergentes sobre o assunto, de um lado temos o apresentador Fortunato do programa policial “*Mira Geral*”, que foca em jogar a culpa nos “*bandidos*”, pede providências ao governador e escolhe ignorar o esquema de corrupção. Do outro, temos a jovem jornalista Clara Vidal que no anseio de conquistar o furo de notícia acaba esquecendo certos limites a serem respeitados.

### **3 O APRESENTADOR CARICATO**

Nos minutos iniciais do filme somos apresentados a um personagem bem caricato, baixinho e gordinho, de cara redonda e com dois dentes incisivos quebrados, Fortunato é apresentador do programa policial “*Mira Geral*”, usa terno e gravata, e uma linguagem coloquial durante toda a programação.

Interpretado por André Mattos, o apresentador dedica o tempo total de seu programa para denunciar as injustiças na sociedade. No episódio da rebelião no presídio Bangu I, apoiou a operação do BOPE sob o comando do Tenente-coronel Nascimento, defendendo-o e apelar ao governador a sua permanência na Polícia Militar, pois estaria fazendo um bem ao eliminar “*os bandidos*” que traficam drogas e armas.

O *Mira Geral* se assemelha e muito a outros programas do gênero, como o *Cidade Alerta* da Rede Record e, principalmente, o *Brasil Urgente* da Bandeirantes, pois segundo Negrini e Tondo (2007, p. 24), “acoplam jornalismo com espetáculo e que se ancoram em problemas sociais não resolvidos”.

Um tema bastante abordado no filme é a segurança. O apresentador também utiliza um discurso mais informal, assim, cria-se uma aproximação com a audiência, mas em frente às câmeras ele está expondo a sua opinião, muitas vezes entendida como a opinião do povo.

Esses programas têm o dinamismo como característica. O apresentador transita livremente pelo cenário comentando acerca das notícias do dia-a-dia, de caráter social, e criticando o posicionamento das autoridades governamentais. Expressões, como “*bandidos*”, “*vagabundos*” e “*traficantes*”, são comumente faladas pelos apresentadores, com a desculpa de que estariam prestando um serviço à comunidade ao fazer as denúncias.

### **3.1 Juiz a serviço do povo**

Durante todo programa, o apresentador Fortunato ocupa a função de juiz escolhido pelo povo, capaz de julgar como bem quiser as supostas injustiças sociais, definindo quem é o mocinho e quem é o vilão das crônicas cotidianas, e faz exigências aos órgãos responsáveis, como a cobrança de soluções definitivas. Ele é considerado como um porta voz da opinião pública, pois não tem medo de falar o que pensa das “*atitudes dos personagens das reportagens, das pessoas públicas e, também, dos cidadãos em geral*” (NEGRINI e TONDO, 2007, p. 29).

Para Fortunato, os moradores das comunidades são os verdadeiros criminosos da história, já que moram à margem da sociedade, e estão mais propensos a levarem uma vida marcada por passagens na polícia.

O seu objetivo é de influenciar o subconsciente dos telespectadores para que também passem a transmitir a ideia de que “*bandido bom é bandido morto*”. Sempre colocando a culpa nos moradores, como se eles fossem responsáveis pelo o estabelecimento do caos do sistema do estado do Rio de Janeiro, que não oferece nenhum tipo de segurança aos cidadãos.

Algo muito perigoso, pois esse discurso incentiva o ódio e a revolta da população, que já tem uma carga histórica de sentimento de impunidade, e ao assistirem esse programa só faz crescer o desejo de fazer justiça com as próprias mãos, gerando mais violência. Esse discurso fere o Código de Ética dos Jornalistas no Art. 7º, V, “o jornalista não pode usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime”.

### 3.2 Dramatização do discurso

A sua mensagem é tão bem aceita que esses programas atingem altos índices de audiência, devido à dramatização do discurso. Como diz Negrini e Tondo (2007, p. 30), o apresentador faz do seu cenário um palco onde ele é a estrela principal de seu próprio show, interpretando a informação transmitida com a ajuda de recursos do teatro, relacionando o contexto da notícia com a sua atuação.

De acordo com Kneipp e Oliveira (2010 apud BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 82-83), profissionais da área de comunicação fazem aulas de teatro para terem uma melhor desenvoltura na hora de apresentar o programa, “é indiscutível que recursos próprios da arte cênica são usados no telejornalismo; alguns jornalistas chegam a fazer curso de teatro, inclusive para perde a timidez”.

A dramatização fica claro no trecho do filme, quando a personagem faz um apelo ao governador, pedindo que o Tenente-coronel Nascimento não fosse exonerado do cargo porque senão, “*A coisa vai ferrrrderrrrr! E falo ferrrrderrrrr com todos os erros!*”, o apresentador supõe que caso essa decisão seja tomada seria aberto uma brecha, uma carta branca para que as drogas voltem às ruas, aos barzinhos, as praças e as escolas, e que os filhos e filhas dos habitantes do Rio de Janeiro estarão vulneráveis a ela.

A retórica emotiva é tão instigante que ele chega a quebrar a famosa “Quarta Parede” estabelecendo um diálogo direto com o telespectador e com o governador, o alvo do apelo fazendo a seguinte pergunta: “- *O senhor vai transformar a nossa cidade numa ENORRRRRRRMEEEE POÇA DE SANGUEEEEEEE! É isso que o senhor quer? Transformar a nossa cidade numa ENORME POÇA DE SANGUE?*”. Fortunato pega um spray de tinta vermelha e picha o mapa da cidade do Rio de Janeiro, que faz parte do cenário, simulando uma poça de sangue. Ele brinca com objetos presentes no programa dando assim uma carga dramática maior a mensagem transmitida.

Esse exemplo pode ser comparado a outro apresentador de um programa do mesmo gênero, José Luiz Datena, também conhecido por utilizar recursos dramáticos para conquistar a audiência. Como ressalta Negrini e Tondo (2007, p. 31), “a dramatização é um dos fatores de maior impacto na veiculação das matérias apresentadas por Datena, fazendo com que a população preste atenção na opinião do apresentador e gerando a ilusão de que o jornalista é capaz de sanar as dificuldades da sociedade brasileira”.

Um fato interessante é a variação de intensidade no tom de voz do apresentador. No começo ele intensifica a pronuncia de algumas palavras, justamente, para chamar a atenção

àquela mensagem, de que a cidade do Rio de Janeiro vai virar uma poça de sangue, mas depois ele muda completamente, maneirando a ênfase, quase como se estivesse chorando para sensibilizar, no exemplo - “*Não! Não faça isso! Tome imediatamente uma providência!*”. Por fim, encera a fala bruscamente voltando à intensidade inicial, terminando com a seguinte frase: “*Faca na caveira e porrada na vagabundagem, solta o aço!*”.

Desse modo, Fortunato incentiva o ódio a uma parcela da sociedade, que a essa altura já é o bode expiatório, indo contra os princípios dos jornalistas que devem “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza” (Art. 6º, XIV).

### **3.3 O espetáculo vai começar**

Outro elemento utilizado é a espetacularização, como já dito anteriormente. O apresentador Fortunato monta um espetáculo no seu cenário e, digamos, de forma lúdica interpreta a notícia de forma mais simplificada, sem a complexidade e o engessamento dos telejornais tradicionais, com uma linguagem coloquial próxima da fala do povo para a sua fácil assimilação, objetivando atrair a atenção e influenciar a opinião pública.

Negrini e Tondo (2007, p. 26) ressaltam que na luta pela audiência é comum que os jornais recorram a espetacularização, pois é um formato que dá um retorno satisfatório, além de “está amplamente presente na mídia moderna, tendo espaço desde nos programas de entretenimento até nos que se encontram na grade de jornalismo das emissoras”.

Percebe-se também que ao estar em pé, encontra-se certa liberdade de gesticular melhor e dramatizar o fato, tendo a possibilidade de caminhar pelo cenário, brincar com os objetos presentes no programa, conversar com o telespectador e dar instruções aos câmeras de qual é o enquadramento ideal para aquele tipo de notícia (tudo isso ao vivo), ao contrário do telejornalismo convencional, em que o âncora fica sentado atrás de uma bancada, limitando os seus movimentos a acenos de mãos e leitura do texto no teleprompter (TP).

Para exemplificar melhor, retomamos o filme em análise, ao episódio em que as milícias, formada por policiais militares corruptos, atacam uma delegacia disfarçados de “bandidos/traficantes”, fazem os outros policiais de reféns e roubam o armamento, raspando o número de série das armas. Nesse momento, Fortunato já é deputado estadual, mas não deixou de lado o seu programa e, ao falar desse acontecimento, responsabiliza os moradores das

comunidades, já que para eles sinônimo de vencer na vida é seguir no caminho da criminalidade, abordagem que se torna uma prática comum nos programas de gênero policial.

O vocabulário é acrescido de mais uma palavra de valor, “*terrorismo*”, classificando o saqueamento da delegacia de ato terrorista e fazendo uma previsão do futuro, quando descreve o que os criminosos irão fazer com o armamento. Essa declaração expressa valores semelhantes ao marco histórico do dia 11 de setembro de 2001, o atentado as Torres Gêmeas. Porém, é exatamente isso que Fortunato quer, igualar os dois casos a um mesmo patamar de criminalidade.

Por fim, o apresentador pergunta o que estaria acontecendo com a cidade do Rio de Janeiro, “*O que tá acontecendo com a cidade maravilhosa?*”, quando se permiti que pessoas cometam certos tipos de crimes e não recebem a punição adequada, ou até mesmo não são presas.

Agora somos apresentados a dois recursos usados na espetacularização, a ironia e a sátira. A ironia fica clara ao fazer uma dancinha no programa, referindo à gestão do governador do estado do Rio de Janeiro, pois caso não fizesse nada a respeito, literalmente, ele vai dançar e sentir a revolta do povo nas próximas eleições. Já a sátira é usada para debochar e imitar o discurso “*mi-mi-mi*” dos defensores dos direitos humanos, como o do deputado Diogo Fraga, que adota uma posição menos agressiva ao lidar com aqueles que cometeram crimes graves. Fortunato rechaça totalmente essa defensiva, pois para ele “*terrorista*” não é gente, e encerra sua fala mostrando a camisa com a seguinte frase: “*Porrada neles!*”.

Como diz Negrini e Tondo, esses tipos de programas vêm com a propostas que suprir as deficiências e dificuldades que a sociedade enfrenta, mobilizando-a para irem em busca de seus direitos garantidos por lei,

“A espetacularização no meio jornalístico abarca a soma da notícia com a dramatização dos fatos [...] procurando sempre mobilizar o caráter emotivo no telespectador. Este caráter emotivo tem por objetivo mobilizar as diferentes classes sociais, fazendo com que o programa ganhe um apelo amplo diante a sociedade” (NEGRINI; TONDO, 2007, p. 28).

A dramatização e espetacularização são elementos comuns em programas de entretenimento para se obter uma fatia do mercado da audiência, eles permitem que o público se identifique com o profissional que comanda o programa e, também, que interajam com o intercâmbio de informações de opiniões, além de fazerem denúncias sobre situações de

descasos das autoridades competentes, já que são elas que deveriam estar zelando pelo bem comum.

#### **4 A MORTE DA JORNALISTA**

A participação da jornalista Clara Vidal (Tainá Muller), no filme, é curta e objetiva. Para quem é jornalista (ou estuda jornalismo), o final da garota que investiga as milícias é marcante. Na vontade de conseguir a matéria de capa, Clara (Tainá Muller) sofre as consequências quando tenta revelar para a sociedade o que descobre. Além de ter sido estuprada e queimada, os milicianos arrancaram os dentes do crânio da vítima para que não fosse identificada. Mesmo correndo risco de vida, muitos repórteres investigativos não se intimidam com os riscos da profissão. Eles vão onde outros não podem ir, questionam, insistem e escolhem denunciar, como salienta Mauro Marlin,

Que repórter com brio profissional não gosta de ver publicada uma reportagem que faz o leitor pensar: "Puxa, eu não sabia disso", ou "Caramba, chegaram a esse ponto!". Se dependesse da vontade dos jornalistas, todo dia saía uma nova revelação. Não para "atacar" a polícia; para mobilizar a consciência da população, complicar a vida dos mandatários que só pensam em pesquisa de imagem e ajudar os que resistem ao "tsunami" (MARLIN, 2011).

Outro ponto importante a ser destacado na ficção é o receio, por interesses econômicos, do editor-chefe em publicar o material produzido por Clara. Fica subentendido que boa parte da receita do jornal advinha do governo. Na vida real, não é diferente,

Os anúncios do estado permanecem uma das fontes financeiras mais importantes para a imprensa de modo geral. Esta situação continua sem qualquer mudança hoje quando os governos mantêm um poder substancial sobre o aspecto econômico da imprensa e controlam as decisões chave que afetam o negócio da mídia (WAISBORD, 2009, p. 2).

A jornalista, antes de morrer, sofre o que Nelson Traquina chama de “constrangimento organizacional”. No caso, a personagem de Clara precisa implorar ao seu editor para que sua matéria seja aceita, ele coloca dificuldades para que ela desista, um claro exemplo de que a política editorial do jornal é demonstrada como algo maior do que as ideologias e opiniões do jornalista.



Para Traquina (2004), o jornalismo é visto como negócio e o fator econômico está acima do interesse público, ou seja, a mídia se curva “às incontornáveis leis de mercado” (MARTIN, 2004, p. 147). Esse exemplo da redação é o que Foucault chama a atenção na análise do poder como algo que se exerce em rede,

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali. [...] O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo (FOUCAULT, 2005, p. 35).

No filme, Clara não se conforma com a política editorial do veículo e vai atrás de sua crença, o que acarreta em sua morte.

## 5 A NOTÍCIA NA TELEVISÃO VERSUS A NOTÍCIA NO IMPRESSO

As milícias policiais se estabeleceram nas comunidades, assumindo o lugar dos traficantes e eliminando quem não colaborasse, entretanto só a repórter Clara Vidal estava disposta a retratar esse esquema de forma mais fiel possível.

O deputado Fortuna em seu programa mostra uma notícia totalmente tendenciosa cheia de argumentos artificiais, onde faz uma propaganda negativa das comunidades, dizendo que seus moradores a maioria são “*bandidos/traficantes*”, isso favorece indiretamente a atuação da Polícia Militar e os permite estarem nos locais propícios para o esquema de tráficos de entorpecentes.

A partir disso, pode-se levantar a questão da imparcialidade do profissional de comunicação, que é esquecida, já que ele assume a posição de que a Polícia é o mocinho da história e o favelado das comunidades é bandido. Mais tarde, descobre-se que o profissional está agindo por interesse de terceiros, seu programa e sua campanha receberam doações das milícias para fazer “vista grossa”, e quando é confrontado, muda o discurso dizendo que tráfico de drogas e armas não existe e, sim, é um tipo de “autoproteção comunitária” promovido pelos moradores. Percebe-se que essa fala de Fortunato é uma crítica ao sistema de segurança, que não contempla os cidadãos e, por isso, eles precisam se aramarem para se protegerem.

O Código de Ética dos Jornalistas garante a liberdade de expressão e opinião, mas também rege que todo jornalista tem dever combater e denunciar todas as formas de corrupção, e não divulgar informações visando o lucro pessoal, “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas” (Art. 2º, I).

Em contrapartida, a repórter Clara Vidal dá outro tratamento ao fato, encarnando o papel de jornalista que recebe uma denúncia sobre o esquema de corrupção da polícia e resolve investigá-la a fundo. Ela acaba despertando o “furo” capaz de distinguir quais matérias serão responsáveis por elevar seu nome e o “furo jornalístico” que a fará arriscar sua vida. Nelson Traquina descreve o furo jornalístico descreve da seguinte forma:

“O ‘furo’ é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses próprios dos jornalistas. O “furo” dá um gozo particular, um enorme prazer de conquistador. O “furo” é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece um prestígio que pode fazer progredir a carreira profissional” (TRAQUINA, 2005, p.55).

O furo jornalístico é uma conquista profissional da repórter, que nele vê a chance de conseguir a capa do jornal “Na Hora”. Ela se infiltra na comunidade disfarçada, de uma mulher recém-casada a procura de uma casa para alugar. Ela começa a sondar as pessoas atrás de documentos, fotos e depoimentos, “os membros da comunidade jornalística querem as notícias tão ‘quentes’ quanto possível, de preferência ‘em primeira mão’ ” (TRAQUINA, 2005, p. 37). Devido a essa “intromissão” foi morta pela milícia.

A sua morte causada pela sua ânsia de noticiar o esquema que envolve políticos, personalidades e a polícia, provando ao seu chefe de que é capaz de conseguir uma matéria digna da capa do jornal, mas não considerou alguns limites. Entretanto, todo dia o jornalista arrisca a sua vida pela matéria.

O tempo também pode ter influenciado, pois a notícia quente possui uma validade e quanto mais rápido ela for publicada, mais chance há de ser valorizada. “O fator tempo define o jornalismo [...] condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento” (TRAQUINA, 2005, p. 37).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área do jornalismo é muito ampla, possibilitando um leque variado de trabalhos para os profissionais da área. No filme somos apresentados a dois personagens que encarnam a vida de um comunicador, ao apresentador do telejornal que rompe as barreiras do tradicional e a repórter do jornal impresso que precisa se deslocar por conta própria para cobrir uma pauta.

O filme de ficção é baseado na vida real ao mostrar a vida dos jornalistas, em parte, ao mostrar que a profissão é cheia de mitos que são perseguidos,

A cultura jornalística é também uma cultura rica em mitos, símbolos e representações sociais que fornecem a esta comunidade interpretativa toda uma liturgia de figuras bem claras dos vilões e dos heróis a que os membros da tribo prestam homenagem ou devotam ódio (TRAQUINA, 2005, p. 51).

Há casos em que o jornalista não está ali para transmitir a informação, uma vez que ele busca usá-la como uma ferramenta de manipulação. A dramatização e a espetacularização serão recursos presentes em seu discurso, com a finalidade de expressar opiniões pessoais travestidas de opinião pública e, assim, conquistar o título de justiceiro a serviço da sociedade.

No filme, o apresentador Fortunato está agindo sob o comando de interesses de terceiros, pois o seu programa é financiado por patrocinadores, que na maioria das vezes, possuem uma opinião divergente com a da audiência. Então, utiliza o poder econômico para manipular o apresentador, e conseqüente, manipular a audiência.

Em outros casos, o jornalista precisará arriscar sua vida para que a pauta não caia, realizar uma investigação e obter documentos, fotos ou depoimentos que a endosse, resultando na criação de inimigos.

Além da perda parcial da liberdade (no lado pessoal, não profissionalmente), os jornalistas levam consigo, na busca incansável de matérias, cuidados que necessitam ser mais do que redobrados, dependendo do nível de periculosidade do assunto. É preciso evitar se expor demais para evitar possíveis fatalidades. Por isso, é importante bons treinamentos para que os jornalistas saibam quais atitudes corretas e sensatas devem tomar em situações de perigo extremo.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ADORO Cinema. **Tropa de Elite 2**, Rio de Janeiro 08 out. 2010. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-189340/>>. Acessado em: 19 abri. 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: Edições Omnia, 2006.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Artigos atualizados de nº 2, 6 e 7, de 17 de setembro de 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GLOBO Filmes. **Tropa de Elite 2**, Rio de Janeiro 08 out. 2010. Disponível em: <<http://globofilmes.globo.com/filme/tropadeelite2/>>. Acessado em: 19 abr. 2016.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos; OLIVEIRA, Aline Farias Martins. **A prática da passagem no telejornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul (RS).

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. Nova Iorque: Free Press, 1997.

MARLIN, Mauro. **A corrupção é (só) policial?**. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.aps?cod=637JDB040>>. Acessado em: 23 abr. 2016.

MARTIN, Stephanie. **Vérité et objectivité journalistique: même contestation?**. In: LES CAHIERS DU JOURNALISM, 13., 2004.

NEGRINI, Michele; TONDO, Romulo. O apresentador espetáculo: o discurso de José Luiz Datena. **Estudos em Jornalismo e Mídia: jornalismo, linguagem e discurso**. Florianópolis (SC), Vol. IV, n. 1, p. 23-32, set. 2007.

SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p. 56-69, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

**TROPA DE ELITE 2: O INIMIGO AGORA É OUTRO**. Direção de José Padilha. Produção de José Padilha e Marcos Prado. Rio de Janeiro: GLOBO FILMES, ZAZEN PRODUÇÕES, FEIJÃO FILMES E RIOFILME, 2010.

WAISBORD, Silvio. A sociedade civil pode mudar o jornalismo? A experiência do jornalismo de defesa civil na América Latina. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, Vol. II, n. 1, p. 02-15, 2009.